

## **Idade: A manifestação de *Cronos* nos jornais paulistanos**

*Maria Helena Villas Bôas Concone*

*Nadja Maria Gomes Murta*

**RESUMO:** A leitura dos recortes de jornais analisados nos trouxe à lembrança o pequeno livro *O Papalagui*. O livrinho traz as muitas reflexões de Tuiávii, dentre as quais aquelas sobre o modo pelo qual o “branco” (o *Papalagui*) lida com o tempo. Os comentários do chefe de Tiavéa acusam a preocupação “ocidental” com o tempo, como uma espécie de compulsão e de urgência, quando não de loucura: o tempo é dividido, demarcado, contado, reificado, usado; de fato, Tuiávii faz uma distinção entre o usufruir do tempo e o usar o tempo num sentido utilitário.

**Palavras-chave:** Tempo; Cronos; Jornais paulistas; Idade

*Age: The manifestation of Chronos in Sao Paulo newspapers*

**ABSTRACT:** *The reading of newspaper clippings analyzed brought to our mind the small book The Papalagui. The book includes the many reflections of Tuiavii, among which there are those on the way in which the “white” (the Papalagui) deals with time. The comments from the Tiavea chief accuse “western” concern with time as a kind of compulsion and urgency, if not madness: the time is divided, marked, counted, objectified, used actually. Tuiavii distinguishes between enjoying time and using time in a utilitarian sense.*

**Keywords:** *Time; Chronos; Sao Paulo newspapers; Age*

### ***À guisa de Introdução: Tempo e Idade – Temporalidade na Imprensa***

*(O Papalagui) fala muito no tempo, diz muita tolice a respeito do tempo. Nunca existe mais tempo do que aquele que vai do nascer ao pôr do sol. (...). O Papalagui nunca está satisfeito com o tempo que tem (...). Divide o dia tal qual um homem partiria um coco mole com uma faca em pedaços cada vez menores. (...). Ter tantos anos significa ter vivido um número preciso de luas. É perigosa esta maneira de contar o número das luas, porque assim se chega a saber quantas luas dura a vida da maior parte dos homens. Todos prestam muita atenção nisso e, passando um número muito grande de luas, dizem: Agora não vou demorar a morrer'. E então essas pessoas perdem a alegria e morrem mesmo dentro de pouco tempo.”*

A leitura dos recortes de jornais aqui analisados nos trouxe à lembrança o pequeno livro *O Ppalagui*<sup>1</sup>, do qual retiramos os trechos em epígrafe. O livrinho traz as muitas reflexões de Tuiávii, dentre as quais aquelas sobre o modo pelo qual o “branco” (o *Papalagui*) lida com o tempo. Os comentários do chefe de Tiavéa acusam a preocupação “ocidental” com o tempo, como uma espécie de compulsão e de urgência, quando não de loucura: o tempo é dividido, demarcado, contado, reificado, usado; de fato, Tuiávii faz uma distinção entre o usufruir do tempo e o usar o tempo num sentido utilitário.

De fato, é um verdadeiro truísmo afirmarmos que o tempo e a temporalidade, não são preocupações exclusivas dos “Papalagui” em geral. Não é menos ocioso lembrar que, entretanto, as formas de entender e vivenciar o tempo variam segundo as culturas<sup>2</sup>. O estranhamento de Tuávii reflete essa diversidade e especialmente o espanto diante da forma utilitária de o colonizador viver o tempo: “Tempo é dinheiro”, reza o capitalismo, “Deus ajuda a quem cedo madruga” ecoa outro ditado valorizador do trabalho, ou ainda “Oportunidade perdida não volta atrás”.

A questão tal qual aparece nos nossos jornais, envolve, entretanto, não apenas uma quantificação do tempo vivido e seu uso, mas uma preocupação com a quantificação em geral. Não há apenas uma contextualização histórica traduzida em

<sup>1</sup> O Papalagui. Comentários de Tuiávii, chefe da Tribo Tiavéa, nos mares do sul. Recolhidos por Erich Scheurmann. Introdução de Erich Scheurmann. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, s/d. Os trechos correspondem às páginas 45,46,47,49.

<sup>2</sup> Um excelente livro, já bastante antigo, permite aos interessados navegarem por essa diversidade: “As Culturas e o Tempo”, P. Ricoeur, C. Larre, R. Panikar, A. Kagame *et al.* Petrópolis: Vozes, 1975.

datas (extremamente necessária para o nosso entendimento das notícias), há um recurso reiterado aos números, às estatísticas e às porcentagens, nem sempre realmente esclarecedor. Assim, podemos ler em uma página a referência à queda percentual das bolsas e logo em seguida, a valorização percentual de ações do mesmo conjunto.

A porcentagem de aumento da “classe média”, atribuída a uma maior capacidade de consumo e conseqüentemente ao “ingresso” na “classe média” de outras faixas da população, convive logo adiante com uma referência – também percentual - ao rebaixamento da “antiga classe média”, graças à perda de capacidade de consumo... Quanto às comparações, alguns devem se lembrar do uso dessas aproximações em notícias que fazem menção a custos. Por exemplo, em notícias relativas ao desvio de verbas públicas, o montante desviado é equiparado a uma quantidade equivalente de bens de consumo: o desvio equivaleria a uma frota de X carros populares, por exemplo.

Ilustrações podem acompanhar o texto, mostrando as pilhas dos bens escolhidos para comparação (carros, alimentos, bicicletas, não importa) referentes ao desvio. Os gastos de um político com o banquete de casamento da filha também podem ser comparados ao montante de alimentos/dia em mesas populares...

Em tese, estas aproximações tortuosas deveriam tornar “mais claro” o montante do rombo (quase sempre da previdência) ou da desfaçatez, ou irresponsabilidade de determinadas figuras públicas. Nada indica, entretanto, que transformar um valor monetário, fora das possibilidades reais de avaliação da maioria das pessoas (vários milhões), em preço de bens de uso (em quantidades igualmente difíceis de “visualizar”) torne a informação mais clara. Mais contundente talvez: 100 carros de tal tipo são perdidos por mês graças a desvios... O banquete equivaleria a milhares de cestas básicas. Dá uma certa materialidade ao valor propalado. De qualquer forma, parece à editoria e aos leitores que ancorar as notícias em números deve lhes dar “confiabilidade”, “veracidade” e “solidez”, quando não, dariam peso a críticas, nem sempre explicitamente colocadas. Sem dúvida, estes modos de noticiar respondem e reforçam nossas representações sobre os números e as quantificações, sobre o tempo e modos de recortá-lo e avaliá-lo.

Referência a idades também são frequentes: “Fulana, 48, chora no velório do filho Beltrano, 19, morto em acidente (ou em confronto com a polícia, ou vítima de violência)”. Se a idade do jovem, soma o absurdo à tragédia (“morte fora do lugar”, “comprometimento de futuro”), o que se acrescentaria colocando a idade da mãe?

Um rápido olhar, no Manual de Redação do jornal “O Estado de São Paulo”<sup>3</sup>, indica que as características acrescentadas à apresentação de pessoas, deveriam ter relação com o tema em pauta, evitando-se também criar identificações discriminatórias, tipo: “católico (“são paulino”, “palmeirense”, “japonês”, idoso; etc. etc.), assassina vizinho”, (exemplo absolutamente arbitrário de criação das autoras); afirmações como essas, lembra o Manual, poderiam levar a uma condenação em bloco, totalmente perversa, de membros de um clube, de uma classe etária, de uma religião ou de uma nacionalidade.

Se características como idade, só devem figurar na matéria se estiverem relacionadas com os fatos descritos, o que acrescentaria à informação a referência às idades? Que significados emprestaria à notícia? O que poderia estar dizendo sobre nossos modos de classificação e de uso de sinais identificadores?

É este o tema deste capítulo, sem pretensão de esgotar o assunto.

Formas de demarcar o tempo, e de estabelecer classificações etárias, como já dissemos, conquanto universais, diferem. O clássico trabalho de Philippe Áries “História Social da Criança e da Família”<sup>4</sup>, para nos referirmos só a este, aponta não só as mudanças, como a construção das noções de família e de infância na História ocidental europeia. Nessa linha teórica de construção sócio-histórica do mundo, também as noções de ciclo de vida e de construção social das biografias ganharam impulso na segunda metade do século XX. Em um Colóquio da Associação Internacional de Sociologia, nos idos de 1989, teóricos e pesquisadores discutiram amplamente esses temas, bem como o tema relacionado da identidade<sup>5</sup>.

O sociólogo alemão, Martin Kohll, participante daquele encontro, afirma em sua comunicação que “existe um certo tipo de códigos dos quais os sujeitos se servem para construir a realidade” e aponta que houve uma “evolução histórica, uma transformação que levou a um regime biográfico bem mais elaborado” ao qual ele chama de

---

<sup>3</sup> Manual de Redação e Estilo. O Estado de São Paulo; organização e edição: Eduardo Martins, 1990.

p. 62. “Idade, sexo, religião, tendência política, Estado ou país de nascimento, raça e outras características como essas, só deverão figurar na matéria se estiverem relacionadas com os fatos descritos”. (...).

<sup>4</sup> P. Áries, *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

<sup>5</sup> ENQUETE. Cahiers du CERCOM, n.º 5, Mars 1989. Colloque: “Biographie et Cycle de Vie”. Marseille, Vielle Charite, Juin 1988. Direção Francis Godard e Frederic de Coninck; Prefácio de Jean-Claude Passeron. Association Internationale de Sociologie.

“institucionalização do curso da vida”<sup>6</sup>. Tal conceito lhe permite uma aproximação bastante ampla, temporal e espacialmente (“comme la société moderne”), diferente, portanto, de uma “história de vida”.

Acreditando que os jornais pedem esse tipo de aproximação ampla, dado que colocam em evidência “certo tipo de regras que ordenam a sociedade”, ou certo tipo de ideias que aparentemente a organizam, vamos nos valer das contribuições teóricas e das sugestões desse sociólogo.

Da sua comunicação nos interessa destacar que, para ele, a institucionalização do curso da vida designa uma unidade (“contraditória”) de três dimensões: uma dimensão cronológica, isto é, uma estandarização do curso da vida percebida como uma sequência, ou uma evolução cronológica, cujas etapas parecem bem definidas; uma dimensão da continuidade, isto é, a criação de uma vida previsível e de um sentido de segurança (inclusive material); uma dimensão propriamente biográfica, isto é, que diz respeito ao surgimento de um código de desenvolvimento pessoal.

Outro ponto colocado pelo autor é que a institucionalização do curso da vida transformou-se de modo associado a dois marcos da modernidade: as transformações no sistema de trabalho, e o processo de individualização. No primeiro caso, produziu-se uma repartição do curso da vida em 3 fases: período de preparação, período de atividade e período de afastamento - aposentadoria. Como diz Kohll, esta forma parece, para nós, óbvia, mas é historicamente bastante recente. No segundo caso, viu-se a criação do indivíduo no sentido moderno, isto é, como unidade de base do tecido social, substituindo-se, do ponto de vista estrutural, a família e a localidade como unidades de base. (Kohll, 1989, p. 38)

Segundo o mesmo sociólogo, essa moderna institucionalização do curso da vida desenhou-se de maneira progressiva a partir do século XIX até por volta dos anos 60 do século passado; vários aspectos da vida de indivíduos (construção biográfica) e de sociedades (códigos sociais organizadores) podem ilustrar essa ideia: passa-se de “um regime de morte imprevisível, a um regime de duração previsível, o que torna a morte precoce muito mais difícil de suportar, dado que cria uma ruptura muito mais marcada.” (idem, p. 38).

---

<sup>6</sup> Kohll, Martin. “Le cours de vie comme institution sociale”. O trecho acima, traduzido pelas autoras aparece assim no original : “(...) il y a une transformation qui a mené a um regime biographique beaucoup plus élaboré – ce que j’appelle l’institutionnalisation du cours de vie” (PP. 37 a 43)

Quanto às biografias, pode-se construir um roteiro demarcado por fases socialmente estabelecidas: a infância, a juventude, a vida adulta, o envelhecimento; ou em outros termos, a vida escolar, a entrada no mundo do trabalho, a aposentadoria, tudo isso marcado por eventos socialmente previsíveis como o casamento, os filhos etc.

Não é difícil perceber a imbricação entre os códigos sociais e a biografia pessoal tomando como exemplo as idades consideradas ideais para o casamento de homens e mulheres, ou as idades ideais para a maternidade. Assim, hoje, uma preocupação social bastante reiterada nos meios de comunicação, diz respeito à chamada “maternidade precoce”. Precoce em relação a quê? Ao amadurecimento biológico? Creio que podemos descartar esta explicação pela simples ocorrência do fato gravidez. Precoce em relação ao amadurecimento psíquico? Sem dúvida, se não perdermos de vista que tal “amadurecimento” decorre também da própria organização da sociedade.

A precocidade, portanto, pode ser medida, sobretudo, em relação aos códigos estabelecidos (que são recentes: há um século a idade de casamento e maternidade (considerada ideal, “apropriada, “natural”) das mulheres nesta mesma sociedade brasileira era muito mais baixa que agora; não é incomum a geração que conta hoje 50 ou 60 anos, fazer referência à idade “precoce” dos casamentos de suas avós ou bisavós. Assim, no estabelecimento dessa noção de precocidade temos que levar em consideração certa “institucionalização do curso da vida”.

Há fases que idealmente devem ser cumpridas, e idades definidas para cada atividade: a idade escolar, a idade de independência jurídica, a idade da entrada no mercado de trabalho e, por conseguinte, o estabelecimento de um patamar de independência financeira; tal institucionalização estabelece enfim, passo a passo, a “conquista da plena cidadania”. Nesse processo, a idade “adequada” para se ter filhos deve acontecer depois de cumpridas algumas etapas: a precocidade da gravidez no período escolar deve ser vista desse prisma, na medida em que rompe ou interrompe um curso esperado de vida; a própria medicina e as ciências psicológicas aderem a essa perspectiva social, reforçando com argumentos próprios a definição da maternidade precoce, vista então como uma preocupação do sistema de saúde.

É evidente que estamos falando de modo um tanto generalizante desses marcos no contexto brasileiro, as variações são evidentes, mas este é um ponto de partida necessário. Por outro lado, não podemos esquecer os processos de mudança. A partir dos últimos 30 anos do século XX, assiste-se a um movimento de “des-

institucionalização” nas sociedades modernas, como aponta Kohll. Há uma ruptura dos códigos orientadores, ruptura à qual o Brasil não está imune.

Retomando os exemplos acima, pode-se dizer que não apenas o modelo etário ideal para casamento foi alterado, como a própria instituição do casamento sofreu drásticas mudanças, seja pela substituição do casamento formal pelas relações consensuais ou pela ausência de relações duradouras, seja pela multiplicação de modelos de casamento ou parcerias. As mudanças nesse sentido são claramente visíveis entre as mulheres para as quais o ideal profissional pode substituir o ideal de casamento. Poderíamos apontar outros exemplos correntes, mas seria ocioso, mais importante é lembrar no Brasil os recentes debates e mudanças nas regras de aposentadoria mostrando que modificações societárias amplas (composição etária, mudanças no mercado de trabalho, inovações tecnológicas, entre outras) são tanto fatores como indicativos de um processo de “des-institucionalização”.

De fato, a partir de outros referenciais, Balandier (1997), define a modernidade contemporânea como o espaço do “movimento mais incerteza”; neste quadro não é ausência de códigos ou sua ruptura que gera a incerteza, mas a sua multiplicidade. Incerteza em virtude do excesso e não da falta.

Para retomar nosso ponto de partida: os recortes selecionados para as diversas análises deste livro parecem mostrar que, parafraseando Balandier<sup>7</sup>, diante do embaralhamento das cartas na modernidade, alguns marcadores podem dar certa sensação de confortável solidez. Os números, as porcentagens e especialmente as idades parecem cumprir esse papel; de certo modo, pode-se dizer que as idades fazem um resumo de identidades e insinuam biografias.

Talvez ao falar dos 48 anos de idade da mãe que lamenta a perda de um filho, esteja-se apelando para que o leitor complete o quadro a partir de suas próprias expectativas e vivências: a improbabilidade de uma nova gravidez nessa idade, a improbabilidade de “ter tempo” ou vigor para acompanhar o crescimento de um hipotético novo filho que chegará aos 18 quando a mãe estiver a meio caminho dos 70... sem falar da interrupção antecipada pela tragédia, de um ciclo de vida ainda por cumprir.

---

<sup>7</sup> Balandier, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Para encerrar esta introdução, queremos acentuar mais uma vez que classificação etária envolve uma multiplicidade de fatores de ordem biológica, social, cultural e remete ainda para discursos políticos, econômicos, biológicos, psicológicos.

## Os Recortes em Números

A seleção da categoria idade/envelhecimento para estas considerações merece algumas explicações e pede alguns detalhamentos.

Nesta categoria, foram agrupados todos os recortes cujo conteúdo, à primeira vista, não permitia que fossem agrupados entre as demais categorias pré-definidas: aposentadoria/previdência, saúde/planos de saúde, saúde/ciência, experiência de vida/sabedoria/valorização, lazer/entretenimento, trabalho, educação/cultura, esporte, religião, política. Assim, criamos uma categoria “genérica” idade/envelhecimento, que quando comparada às demais apresenta um maior peso percentual<sup>8</sup>.

A expressão “genérica” neste contexto serve apenas para demarcar que estamos diante de notícias que têm em comum a referência seja à idade, seja ao envelhecimento (de forma textual ou imagética), mas que apresentam uma grande variação temática, isto é, tratam dos assuntos os mais variados.

Do total dos 1980 recortes selecionados para a pesquisa, 601 (30,3%) foram classificados como pertencentes a esta categoria, sendo que 348 (57,9%) vieram das publicações de 2004 e 253 (42,1%), das publicações de 2005.

Quanto aos jornais que nos serviram de fonte, a distribuição das notícias, deste capítulo, foi a seguinte: 379 (63,1%) recortes vieram do Estado de São Paulo; 124 (20,6%) do Jornal da Tarde; 88 (14,6%) da Folha de São Paulo; 10 (1,7%) do jornal Valor Econômico.

Quando consideramos todo o bloco de recortes, verificamos que do total geral das 188 chamadas de capa, 41 (21,8%) estavam relacionadas à categoria idade/envelhecimento; do total das 1465 chamadas da editoria, 557 (38,2%) eram deste bloco; finalmente, do total das 20 chamadas de capa de cadernos, encontramos, 03 (15,0%) relativas à categoria em foco neste capítulo. As chamadas de capas, em geral,

---

<sup>8</sup> O significativo percentual desta categoria “genérica” pode indicar duas questões: primeiro, exatamente por ser “genérica”, isto é, tratar de temas variados, é que a quantidade se destaca em número absolutos e percentualmente sobre as outras categorias; segundo, e mais interessante do ponto de vista deste artigo, é que esta categoria expressa melhor que as demais (específicas), o interesse da mídia pela questão da idade.



envolviam pessoas públicas ou fatos tidos como excepcionais envolvendo pessoas comuns:

O primeiro dia do velório do líder pedetista Leonel Brizola, que morreu na noite de segunda-feira aos 82 anos, foi marcado por uma estrondosa vaia ao presidente Lula. (JT, 23/06/2004)

Depois de resistir por 58 dias a uma grave infecção pulmonar agravada por complicações cardíacas e renais, morreu às 11:40 minutos de ontem, Miguel Arraes de Alencar, de 88 anos. (JT, 14/08/05)

Tem 80 anos. Filmava bandidos. Vitória (nome fictício) gravou durante dois anos criminosos que vendiam drogas e andavam armados no Rio. Há 15 prisões. (OESP, 25/08/05)

Como já apontado no capítulo referente à metodologia, a imagem foi um dos critérios utilizados para a seleção dos tópicos em análise, assim, nos dois anos contemplados nesta pesquisa, para o total acumulado de recortes, a distribuição das imagens relacionadas ao tema deste capítulo, foi a seguinte: 29 (31,2%) na capa do jornal (do total de 93); 362 (37,2%) no texto da editoria (do total de 973); 03 (17,6%) na capa de caderno (do total de 17); 15 (12,3%) em texto de caderno (do total de 122).

No universo dos recortes, *Grande lead* esteve presente em 365 (37,9%) das notícias da editoria (961 no total geral) e em 15 (12,0%) dos textos de cadernos (125 no total), relacionados ao bloco idade/envelhecimento.

Quando considerada a presença de *Olho* em relação à idade/envelhecimento, comparativamente à totalidade das matérias, encontramos 185 (40,5%) na editoria (total geral de 457) e 04 (16,0%) no texto de cadernos (total de 25).

Quanto à *angulação*, encontramos (do total de 601<sup>9</sup> recortes) 52 notícias (8,8%) que mostravam a idade/envelhecimento de forma positiva, 15 (2,5%) de forma negativa e 526 (88,7%) de forma “neutra”, isto é, sem conotações explícitas.

No que se refere à presença de *adjetivações*, estas foram encontradas em 52 matérias (9,7%) e apenas em 02 (0,8%) encontramos termos populares (gíria), num total de 599 recortes considerados. Alguns exemplos:

---

<sup>9</sup> As variações de totais gerais, neste e nos próximos apontamentos, correspondem a questões técnicas no preenchimento dos dados, que impediram a avaliação de todos os itens segundo um mesmo total geral.

[...] Durante esse período, o velho Lobo entusiasta tentou esconder o desconforto, a angústia, o medo da perda”. (OESP, 11/07/04)

Como ministro, Gilberto Gil está sempre no meio do embate (está no meio de um grande bafafá agora). (OESP, 12/08/04)

Tricô e televisão? Nem pensar. Essa turma quer é malhar. (JT, 23/06/05)

Quanto à procedência das notícias, encontramos: 161 (27,5%) oriundas de agências internacionais e 424 (72,5%) vindas de agências locais (considerando um total de 585 recortes). Em relação à fonte, de 578 recortes analisados (excluídos 23 não avaliados), 18 (3,1%) eram originárias de fonte direta, 361 (62,5%) de fonte indireta e 199 (34,4%) de fontes adicionais.

Quando considerado o personagem principal, das 591 notícias analisadas, 189 (31,9%) eram relativas às pessoas comuns, 368 (62,3%) às pessoas públicas, 24 (4,1%) às entidades públicas e 10 (1,7%) às entidades privadas.

Os principais motivos que nos levaram a deter na notícia foram: conteúdo do texto (32,8%), imagem (25,6%) e título (17,7%) na editoria e inter-relação do título com o tema pesquisado (9,4%). Os textos localizam-se principalmente nas editorias variedades (34,8%), internacional/mundo (13,2%), cidade (12,2%), política (7,4%) e economia/finanças (6,7%).

Neste capítulo, incluímos também a categoria religião, dado que o número reduzido destas notícias não justificaria um tratamento em separado, além do mais assuntos de religião incluem também referência à idade. Assim, nos jornais compulsados em 2004, encontramos 07 notícias (04 fotos), 06 das quais eram referentes ao Papa João Paulo II (02 fotos do Papa) e uma referente ao Simpósio Internacional organizado por ocasião dos 70 anos da morte do Pe. Cícero Romão Baptista (02 fotos - uma de mulher idosa batizada pelo “Padrinho” e outra do sociólogo norte-americano estudioso da religião Raph Della Cava). Em 2005 encontramos um total de 12 notícias envolvendo religião, sendo nove relativas ao catolicismo, uma ao evangelismo, uma a candomblé, um ao islamismo. As notícias vieram do JT e OESP. Como se pode notar, as notícias envolvendo o catolicismo são as mais numerosas (fato que condiz com a posição majoritária do catolicismo no país).

Tomaremos estes recortes sobre religião e outros referentes à categoria idade para ilustrar e reforçar as análises abaixo apresentadas.

## O contexto dos textos

A análise dos recortes tomados para este artigo mostraram sutilezas que gostaríamos de destacar.

O primeiro ponto a ser destacado é que a análise de conjunto desta categoria permitiu perceber um movimento de “ocultação/explicitação” das idades. Esta percepção foi reforçada pela leitura dos recortes relativos à religião.

Por outras palavras, nem sempre as idades são citadas, havendo para isso uma regra implícita: figuras de destaque, figuras públicas propriamente ditas (políticos importantes – especialmente que ocupam ou ocuparam cargos executivos, atores e atrizes reconhecidos, grandes esportistas, figuras de renome) não têm suas idades apontadas. É como se para as pessoas famosas, nada precisasse ser acrescentado à sua conhecida biografia; entretanto, como para muitos, a referência à idade soa como descortesia ou invasão de privacidade, sempre podemos considerar que a não referência à idade, nestes casos, significaria uma demonstração de respeito (“a quem merece”). É o caso, por exemplo, da notícia (OESP, 05/06/04) do encontro do Papa João Paulo II com o presidente norte-americano Bush, quando não são citadas as idades de nenhum dos dois personagens. Outros exemplos podem ser observados nas citações abaixo:

O sociólogo e ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), inaugura hoje, uma palestra sobre o homem e o novo cenário geopolítico internacional, o projeto Universo do Conhecimento, um ciclo de debates e palestras promovido pela Universidade São Marcos em parceria com a Universidade Paris-5, da Sorbonne, em Paris. (OESP, 12/08/04)

O vice-presidente e ministro da Defesa, José Alencar, representou Lula no evento e voltou a defender o reajuste salarial. (FSP, 11/06/05)

Em um discurso veemente ontem à tarde, durante uma aula magna para a platéia de cerca de 300 estudantes, no auditório da Reitoria da Universidade de São Paulo (USP), o ministro da Cultura, Gilberto Gil, queixou-se da maneira como a imprensa tem noticiado o texto de criação da Agência Nacional de Cinema e do Audiovisual (Ancinav). (OESP, 11/08/04)

A virose contraída por Zagallo e quase toda a comissão técnica pegou também os jogadores [...] O técnico Carlos Alberto Parreira também sofreu [...]. (OESP, 18/07/04)

A rainha Elizabeth II garantiu que os autores dos atentados terroristas, “não mudarão nossas vidas”. (JT, 09/07/05)

Fashion Week com gosto de champanhe. Primeiro dia teve clima de festa. No desfile das celebridades, aplausos para Raul Cortez. (OESP, 29/06/05)

O futuro embaixador do Brasil na OMC, embaixador Clodoaldo Hugueneu, disse que “é preciso muito cuidado” para que os incentivos não sejam contestados. (FSP, 13/06/05)

Gil estreia amanhã o show ‘Eletracústico’. (OESP, 12/08/04)

O mesmo não acontece com as pessoas comuns; estas, ao contrário, sempre têm seus nomes seguidos da idade. É o caso, por exemplo, de notícia (JT, 14/06/05) sobre a festa de Sto. Antonio do Pari em São Paulo, quando são nomeadas várias devotas (E.Silveira, 71, aposentada, D. Barber, 76, “marido” (sic), 71, B. Akemi, 39) “cronologicamente demarcadas”; também são citados nominalmente três freis (C. T. Passos, L. de Souza, Euclides) sem referência às suas idades<sup>10</sup>; o mesmo acontece em notícia (JT, 29/08/05) que informa que “o terço que Pelé (sem idade) ganhou do Papa Bento XVI (idem) na Alemanha, foi para as mãos de Dona Celeste, 81 anos”, mãe do futebolista. Somada a estas, uma notícia sobre o I Fórum de Promoção Racial, onde “Lula foi benzido por pelo menos duas mães-de-santo baianas [...] ‘Não tenha medo de nada, confie em Xangô’ disse mãe Beata, de 74 anos. Já mãe Edelzita de Lourdes, de 71 anos, avaliou que Lula demonstra paz de espírito (OESP, 01/07/05). Vejamos outros exemplos:

Morreu ao saber de traficantes. A dona de casa M.P. Silva, 65 anos, morreu de ataque cardíaco, ontem à tarde, ao descobrir que seus inquilinos eram traficantes de droga. [...] (JT, 09/06/05)

Eles têm estação de pouso no meio da mata. A estação leva o nome da Associação Alnilan, formada por 19 pessoas. Entre elas há médicos e professores universitários, no dizer de Maria

---

<sup>10</sup> A abreviação dos nomes foi decisão das autoras.

do Socorro Caldas Borges, de 67 anos, responsável pelo local. (OESP, 08/08/04).

Balançam como jovens pelo salão, mostrando ânimo maior que o dos casais mais moços. Há quatro meses tem sido assim nas vidas de Rose Martinez Gonzalez, 72 anos, e Jacinto Gonzalez Diez, 75, que fazem aulas em uma escola de dança na Mooca. (JT, 23/06/05)

“A patroa teve um sonho de construir um pedacinho do céu na terra e fazer a cidade das crianças”, começa a contar Luiz Bertoline, de 74 anos, um escrivão de polícia aposentado que é pai adotivo de 137 pessoas, entre adultos e crianças. (OESP, 09/08/04)

Apoiada na grade que afasta o público da entrada da Granja do Torto, residência oficial do presidente Lula, dona Lydia Queiroz Silva Carvalho, de 92 anos, conseguiu fazer o petista interromper o trajeto e parar para cumprimentá-la ontem. (JT, 06/08/05)

Ele lutou ao lado do pai e do tio. “Minha sogra contava que deu todas suas joias para ajudar a revolução, diz a viuva Aparecida, aos 76 anos, numa referência à campanha Ouro para o Bem de São Paulo. (OESP, 09/07/04)

Nova Zelândia. Depois de uma batalha de anos, V. Harvey, de 73 anos, um ex-piloto de tanques do Exército, fará uma operação para mudar de sexo [...] (JT, 21/08/05)

Percy Arrowsmith, britânico de 105 anos que neste mês bateu o recorde de casamento mais longo do mundo junto à mulher de 100, morreu ontem em casa, em Hereford, Londres. (OESP, 16/06/05)

A mulher mais idosa do Brasil, Ana Martinha da Silva, de 123 anos, morreu ontem na Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá, vítima de pneumonia. (JT, 28/07/04)

A ocultação de *cronos* oferece exceções: personalidades de destaque nacional e internacional podem ter suas idades apontadas nos textos dos jornais, quando, aparentemente, a idade é em si um dado de interesse (um músico que se apresente aos 80 anos, um novo projeto de um idoso arquiteto, uma exposição de idosa e renomada pintora); é como se a notícia destacasse nas entrelinhas o inusitado destas situações, seu interesse se apoia no “fenômeno”:

Em 57 anos dedicados ao samba, não há quem consiga tirar de Dona Ivone Lara, hoje com 83 anos, o mérito da grande dama da música. (OESP, 28/07/04)

O escultor, ceramista, gravador, pintor, desenhista e também poeta Abelardo da Hora completa 80 anos no sábado, em plena atividade. (OESP, 27/07/04)

Jamelão. Aos 92 anos de idade, um dos mais famosos integrantes da velha-guarda da Mangueira subiu na passarela [...]. (OESP, 03/07/05)

Aos 83 anos e após superar dois enfartes, dom Paulo Evaristo Arns, até 1996 o poderoso cardeal de São Paulo, não perdeu a esperança e a capacidade de se indignar. (VE, 26/08/05)

Outra exceção para a exposição da idade é por ocasião do falecimento de figuras notórias. Neste caso, as notícias de 2004 envolvendo o Papa João Paulo II oferecem interessantíssimos desdobramentos. De fato, de modo geral a regra foi obedecida e a sua idade coerentemente com a regra, explicitada por ocasião da morte (antes disso havia referência à sua “fragilidade” ou “debilidade física”, dificuldade de falar”, logo compensada pela referência à “voz forte”, “lucidez”, à oratória em três línguas); entretanto, quando se noticia posições consideradas conservadoras (como a defesa do matrimônio heterossexual), a idade faz sua aparição: “O Pontífice de 84 anos também afirmou que as autoridades devem se opor ao aborto” (OESP, 19/06/04). Talvez haja aí uma referência velada ao Papa como “ultrapassado” *em razão da idade*. Alguns exemplos:

Ronald Reagan, o 40<sup>o</sup> presidente americano apontado por muitos como o líder que venceu a Guerra Fria, morreu ontem, aos 93 anos, depois de mais uma década de luta contra o mal de Alzheimer, uma doença degenerativa e incurável. (JT, 06/06/04)

O presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, morreu ontem à noite, aos 82 anos, de enfarte. (JT, 22/06/04)

O fotógrafo francês que era chamado por seus admiradores de ‘o olho do século 20’ morreu na segunda-feira, aos 95 anos de idade [...]. (JT, 05/08/04)

Morre o poderoso Brando. Símbolo de rebeldia, ele morreu quinta-feira, aos 80 anos, em *Los Angeles*. (OESP, 03/07/04)

O futebol paulista perdeu um de seus personagens mais queridos: o técnico Zé Duarte. Aos 69 anos, ele morreu ontem [...]. (OESP, 24/07/04)

Morreu, aos 84 anos, o rei Fahd, da Arábia Saudita. Ele foi um monarca tenaz e prudente. (JT, 02/08/05)

Morre Cláudio Corrêa e Castro, 77 anos, 56 personagens na TV. (OESP, 17/08/05)

O presidente da Áustria, Thomas Klestil, morreu ontem em Viena, a capital do país, aos 71 anos de idade [...]. (JT, 07/07/04)

O segundo ponto que gostaríamos de destacar diz respeito a uma “regra de substituição” que se soma àquela de explicitação de *cronos*: o uso da definição “aposentado” ou “aposentada” em lugar da idade em notícias envolvendo pessoas comuns<sup>11</sup>. Há uma identificação imediata entre idade cronológica (supostamente alta) e condição de aposentadoria. A palavra “aposentado/a” também substitui a expressão “idoso/a”.

O terceiro ponto a ser destacado é o da “identidade reduzida”, das pessoas comuns, isto é, faz-se uma relação, tomada como suficiente, entre aposentadoria e identidade. Assim, as pessoas comuns são frequentemente “reduzidas” à condição de “aposentadas”, como se nada mais fosse necessário acrescentar.

Finalizando este capítulo, pode-se fazer ainda algumas considerações. Primeiramente, sem dúvida, surpreende a riqueza contida nos jornais. Estas foram algumas questões que destacamos durante a leitura e análise das notícias; a inclusão de outros meios de comunicação impressos poderá nos levar a descobertas.

Convidamos os leitores a empreender novos caminhos.

---

<sup>11</sup> No texto sobre Trabalho os exemplos nesse sentido são numerosos.

## Referências

- ÁRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- KOHL, M. Martin. “Le cours de vie comme institution sociale”. In: *Biographie et Cycle de Vie*. F. Goddard e F. De Coninck, direção. Cahiers du CERCOM, n.º 5, 1989, Marselha. (Association Internationale de Sociologie). 1989.
- MARTINS, Eduardo (org.) *Manual de Redação e Estilo O Estado de São Paulo*. São Paulo: OESP, 1990.
- RICOEUR, Paul *et al.* *As Culturas e o Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- SCHEURMANN, Erich. *O Papalagui. Comentários de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa, nos mares do sul*. Rio de Janeiro: Marco Zero, s/d.

*Data de recebimento: 10/12/2008. Data de aceite: 14/05/2009.*

---

**Maria Helena Villas Bôas Concone** – Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1960), fez curso de especialização em Antropologia (61) e doutorado em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1973). Desde 1994, é professora Titular do Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora e orientadora nos Programas de Pós Graduação em Ciências Sociais e em Gerontologia da PUC-SP; membro do Centro de Estudos da Religião Douglas Teixeira Monteiro (CER); atualmente membro do Comitê de Ética em Pesquisa na Área de Saúde da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo (CEP-SMS). Atua nas áreas de Antropologia da Religião e da Saúde/Doença com ênfase nos seguintes temas: umbanda, religião, saúde, corpo e envelhecimento. Associada a Associação Brasileira de Antropologia (ABA). E-mail: [trconcone@yahoo.com.br](mailto:trconcone@yahoo.com.br)

**Nadja Maria Gomes Murta** - Nutricionista (UFV), especialista em Epidemiologia (UFMG), mestrado em Gerontologia (PUC-SP), doutoranda em Ciências Sociais (PUC-SP). Professora Assistente do Departamento de Nutrição da UFVJM. Membro dos grupos de Pesquisa Longevidade, Envelhecimento e Comunicação (LEC/PUC-SP) e Jequi Saúde Coletiva (UFVM). E-mail: [nadjanut@hotmail.com](mailto:nadjanut@hotmail.com)